

O mais ilustre filho de São Leopoldo
Construção de aspectos da memória de São Leopoldo através de relatos biográficos de Lindolfo Collor

The most illustrious São Leopoldos's son
Construction aspects of the memory of São Leopoldo through biographical accounts of Lindolfo Collor

Tiago de Oliveira Bruinelli
Licenciado em História pela UNISINOS
tiagobru@gmail.com

Recebido para publicação em abril de 2012.
Aprovado para publicação em junho de 2012

Resumo: A partir de questões já propostas por autores como Pierre Bourdieu, Giovanni Levi, François Dosse e Peter Burke sobre o biografismo e sua estreita relação com elementos que constituem a Memória, busca-se oferecer subsídios para a problematização de tais temas na construção da imagem de Lindolfo Collor através de alguns relatos de cunho biográfico. Envolvendo questões de interesses e objetivos diversos na constituição e manutenção da Memória sobre essa personalidade, discutem-se brevemente elementos desses relatos biográficos produzidos por intelectuais e pensadores ligados ao Instituto Histórico de São Leopoldo, e suas tentativas de ligar a imagem de Lindolfo Collor à imigração alemã, um pilar importante sobre o qual se fundamenta a História de São Leopoldo/RS.

Palavras-Chave: Biografia – Memória – História das mentalidades

Abstract: From issues already proposed by authors such as Pierre Bourdieu, Giovanni Levi, François Dosse and Peter Burke about biography is its close relationship with elements that constitute the memory, we seek to provide support for the questioning of these issues in the construction of Lindolfo Collor's image through some biographical accounts of nature. Issues involving various interests and objectives in the creation and maintenance of memory on that personality, are discussed briefly biographical elements of these reports produced by intellectuals and thinkers connected with the Historical Institute of São Leopoldo, and his attempts to link the image of Lindolfo Collor with the German immigration, an important pillar on which rests the history of São Leopoldo/RS.

Keywords: Biography; Memory; History of mentalities.

1. LINDOLFO COLLOR E ALGUNS “PROBLEMAS BIOGRÁFICOS”

Este estudo tem como um de seus objetivos propor questionamentos e visões sobre a construção da Imagem e da Memória de uma personalidade (sobretudo) política da cidade de São Leopoldo, considerada por um de seus principais biógrafos, como “o mais ilustre dos leopoldenses”: trata-se de Lindolfo Collor.

Nesse sentido, também, se propõe discutir brevemente elementos do relato biográfico, de sua relação com a Memória e com a História, e também algumas das principais características presentes em alguns relatos de cunho biográfico sobre Lindolfo Collor, produzidos, sobretudo, pelo Instituto Histórico de São Leopoldo. Vale dizer que Lindolfo Collor foi um dos responsáveis pela fundação do Instituto Histórico de São Leopoldo, sendo o Patrono da Cadeira nº19 da mesma instituição, ocupada durante muito tempo por Telmo Lauro Müller, um de seus biógrafos.

Um dos textos selecionados está disponível nos *Anais do Primeiro Congresso de História e Geografia de São Leopoldo*, de 1947. Neste texto, intitulado *Filhos Ilustres de São Leopoldo*, o Pe. Luiz Gonzaga Jaeger, S.J., considerado por autores posteriores como o primeiro biógrafo de Lindolfo Collor, faz um

apanhado biográfico de algumas personalidades leopoldenses que se destacaram em diversas áreas. Uma dessas personalidades é Lindolfo Collor.

O Instituto Histórico de São Leopoldo tem como principal publicação os *Anais dos Simpósios do Instituto Histórico de São Leopoldo*. Dessas publicações, foram selecionados dois artigos. Um dos textos foi produzido e lido por Clodomir Vianna Moog, em 1976, no Instituto Histórico de São Leopoldo, em conferência no II Simpósio sobre Imigração e Colonização Alemã no Rio Grande do Sul, intitulado *O leopoldense Lindolfo Collor*. Outro foi *Lindolfo Collor Fruto da Imigração Alemã*, da autoria de Telmo Lauro Müller, apresentado no IX Simpósio sobre Imigração e Colonização Alemã no Rio Grande do Sul, em 1990.

Dito isso, nos parece aqui – se não for exagero afirmar tal coisa – que durante algum tempo, intelectuais de São Leopoldo e/ou ligados à cidade que, até os dias de hoje, tenta, por diversos meios, manter sua imagem de “berço da imigração alemã”ⁱ, tentaram associar e enaltecer a imagem de Lindolfo Collor como um dos frutos da imigração alemã, considerada como um marco histórico da cidade, e também um dos principais motivos de seu progresso e desenvolvimentoⁱⁱ.

Em linhas gerais, apesar da presença de diversas outras etnias, São Leopoldo, visando objetivos também turísticos, ainda tenta fortemente ligar sua história à presença do imigrante alemão. Um tipo de Memória que é trazida à tona todos os anos em sua principal festa municipal, a *São Leopoldo Fest*, que tem por objetivo rememorar a chegada dos primeiros imigrantes alemães à cidade.

Assim, a figura de Lindolfo Collor pelo seu destaque político regional e nacional, seria uma das formas de enaltecer também a cidade e aqueles que a desenvolveram, os imigrantes alemães. O município de São Leopoldo originou-se da Feitoria do Linho Cânhamo, empreendimento comercial do Império Português de cultivo de diversos produtos, sobretudo o cânhamo ligado à produção têxtil. Antes da chegada dos alemães, em 1824, havia forte presença da mão de obra escrava africana – que convém afirmar, não termina com a chegada dos alemães.

Telmo Lauro Müller – descendente de alemães, e que durante bastante tempo foi diretor do Instituto Histórico de São Leopoldo – chegou a reconhecer que a presença da mão de obra africana, e as constantes disputas entre portugueses e espanhóis que grassavam a região, eram as responsáveis pelo parco desenvolvimento da Feitoria. Isso terminaria em 1824, com a chegada dos

imigrantes alemães! Diz ele que, “à base disso podemos concluir que não era a terra e, sim, outro fator responsável pelo fracasso econômico do estabelecimento imperial” (MULLER, 1990, p. 68).

Nesse sentido, aqui nos parece que alguns relatos biográficos sobre Lindolfo Collor produzidos por certos intelectuais ligados a São Leopoldo, nas palavras de Giovanni Levi, convergem ao sentido oposto de “sublinhar a irredutibilidade dos indivíduos e de seus comportamentos, a sistemas normativos gerais [...]” (LEVI, 1996, p. 168). Nesse caso, o sistema geral seria a descendência germânica, sinal que, sem sombra de dúvidas, explica a atuação política de Lindolfo Collor. Mais do que isso, Lindolfo Collor, primeiro Ministro do Trabalhoⁱⁱⁱ de Getúlio Vargas, simboliza bem sua etnia, pensada por alguns como a mão de obra mais eficiente que certas regiões do Brasil – e São Leopoldo – já tiveram. Quem melhor para simbolizar o trabalho do alemão do que o primeiro Ministro do Trabalho^{iv} do Brasil, de origem alemã?

Nos últimos anos, pode-se perceber em uma rápida visita a uma livraria, por exemplo, a grande quantidade disponível de biografias e autobiografias. Essa “febre biográfica”, como chama François Dosse (2009, p. 9), não é produto da atualidade. Segundo o mesmo autor, o

mercado consumidor de biografias sempre foi bom.

Mesmo assim, tem-se que se levar em consideração que cada época encarou o relato biográfico de uma determinada maneira. A partir da década de 1980 até os dias de hoje, percebe-se uma maior influência da Sociologia e da Antropologia nos estudos históricos. Tal influência fez crescer nos historiadores acadêmicos (e não acadêmicos em um segundo momento) um desejo de restaurar o papel dos indivíduos na História e na criação e manutenção dos laços sociais (CHARTIER, 2002).

Parece que procuramos produzir e ler biografias e autobiografias buscando uma dimensão mais básica e existencial, um modelo de vida, como fica mais evidente por uma série de produções não acadêmicas. Há uma maior valorização do relato pessoal, intransferível, pois é fruto de cada um. Essa influência também perpassa os meios acadêmicos.

Como salienta Rodrigo Paziani, o cenário atual demonstra grande interesse pelos relatos biográficos, possivelmente como uma das tantas formas de reagir a um mundo mais “globalizado” (PAZIANI, 2010, p. 150). Reconhecer e retratar elementos específicos de determinada personalidade – ainda mais quando ela é usada para representar um grupo social, como aqui pode ser o caso de Lindolfo

Collor – pode vir na onda de uma cada vez maior valorização do “regional”, do “saber local”, o fortalecimento de uma ética individualista. E assim, mesmo individualista, tenta aglutinar características de um mesmo grupo.

Contar a história de uma vida é pressupor que essa história de vida também possa ser encarada como História (BOURDIEU, 2002, p. 183). Reconhecer isso, segundo Pierre Bourdieu, não é pouco; mas tal reconhecimento também vem acompanhado do reconhecimento de que tal relato pode estar também, eivado de falhas e limitações.

É importante ressaltar que, assim como o relato de um acontecimento, o relato de uma vida está invariavelmente direcionado por uma série de interesses, preconceitos, tabus, modelos estilísticos e interpretativos de uma época, além de (por que não?) uma preocupação em cativar um público leitor. Esse público leitor pode ser especializado ou não, e isso também pode ser um elemento importante para compreendermos a maior ou menor aceitação de determinado “modelo” biográfico e/ou autobiográfico.

Sobre esse ponto, pensamos que a grande maioria dos relatos biográficos produzidos sobre Lindolfo Collor por intelectuais ligados a São Leopoldo podem se encaixar no que Giovanni Levi

chama de *Biografia Modal*. Alerta ele que:

“Esse tipo de biografia, que poderíamos chamar de modal porquanto as biografias individuais só servem para ilustrar formas típicas de comportamento ou *status*, apresenta muitas analogias com a prosopografia: na verdade, a biografia não é, nesse caso, a de uma pessoa singular e sim a de um indivíduo que concentra todas as características de um grupo” (LEVI, 1996, p. 175).

Sem desmerecimento dessa proposta de relato biográfico – que é totalmente possível; basta lançar os olhos a um grande número do tipo produzido ultimamente – acreditamos que outro enfoque é possível. A esse outro enfoque mais “acadêmico”, pensamos basear-se mais na construção de um problema do que em uma mera exposição de dados sobre o biografado.

Além disso, apesar de concordarmos com Benito Schmidt, quando ele nos diz que “a fidelidade aos fatos não é inimiga da criatividade” (SCHMIDT, 1998, p. 13), acreditamos que em um trabalho de natureza mais acadêmica, momentos de interpretação mais livre, ou até momentos de suposições devem ser sinalizados para o leitor com termos como “provavelmente”, “talvez”, etc. Nos relatos biográficos sobre Lindolfo Collor, tais termos não são levados em conta, não aparecem nos textos com esse objetivo.

Vale lembrar aqui que não propomos uma categorização das biografias, sobretudo a dos poucos relatos biográficos sobre Lindolfo Collor. Contudo, ressaltamos que François Dosse também parece concordar com o termo de “biografia modal” como sendo o indivíduo um tipo idealizado que encarna um valor que ilustra um coletivo (DOSSE, 2009, p. 195). Nesse caso, Lindolfo Collor encarnaria, segundo a maioria de seus biógrafos, o ideal do imigrante alemão que prospera.

Tais considerações nos levam, como não poderia deixar de ser, às tramas da Memória. A Memória que produz um relato biográfico e/ou autobiográfico, ou ainda, a uma memória que se pretende construir com esse tipo de relato.

A Memória, deve-se sempre levar em conta, é fugidia. Uma memória sempre é construída. Nesse processo de construção, existe uma seleção do que *é* e do que *não é* memória; de elementos que serão lembrados, e daqueles que serão esquecidos. Jacques Le Goff nos diz que, “a memória, como propriedade de conservar certas informações [...]” permite que o homem possa “[...] atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (LE GOFF, 1990, p. 423).

Mesmo com toda a seleção, a Memória ainda passa por um processo de

“negociação”, como nos alerta Michael Pollak, citando expressão de Maurice Halbwachs (POLLAK, 1989, p. 3). Essa “negociação” vem no sentido de jogar com elementos de uma memória *individual* (no caso, de um relato sobre determinada personagem) e de uma memória *coletiva* (entre os pares desse personagem, naquele determinado contexto), para assim reforçar certos acontecimentos, para que eles construam uma “base comum”. Em suma, no jogo entre memória individual e coletiva, segundo esses dois autores, um relato biográfico deve se constituir (ou ao menos, tentar ser) História, ou seja, produzir algo mais do que exposições de dados ou mesmo juízos de valor.

Passando então aos relatos biográficos selecionados, um dos primeiros, *Filhos Ilustres de São Leopoldo*, da autoria do Pe. Luiz Gonzaga Jaeger, S.J., é citado por diversos autores posteriores. O Pe. Luiz Gonzaga Jaeger é tido como um dos primeiros biógrafos de uma série de personalidades “ilustres”, sendo Lindolfo Collor uma delas. Muitos relatos biográficos posteriores farão menção e referências à obra de Gonzaga Jaeger.

Seu texto foi publicado em 1947 nos *Anais do Primeiro Congresso de História e Geografia de São Leopoldo*, na comemoração do primeiro centenário da

elevação de São Leopoldo à categoria de vila (PETRY, 1964).

O autor, Luiz Gonzaga Jaeger, inicia seu texto fazendo uma ressalva:

“Por motivos óbvios e plausíveis, apresentaremos no seguinte mostruário exclusivamente alguns dos filhos do município de São Leopoldo que mais dignificaram a terra do seu berço, mas que já partiram para a eternidade” (JAEGER, 1947, p. 95).

O relato desse autor tem por intenção criar uma história de vida completa, ou seja, seguir seu biografado do nascimento à morte. Para o autor, “Collor enveredou desde muito jovem pela estrada da luta. Lutou durante toda a vida [...]” (JAEGER, 1947, p.109).

Seu relato nos conta sobre a infância humilde de Lindolfo Collor, nascido Lindolfo Boeckel em 1890 – filho de um homem pobre, João Boeckel, sapateiro e músico, e de D. Leopoldina Boeckel, ambos descendentes dos primeiros imigrantes alemães que chegaram a São Leopoldo em 1824. Com a morte de seu pai biológico, sua mãe casa-se novamente, com João Antônio Collor, de quem Lindolfo passa a incorporar o sobrenome, devido, segundo o autor, à sua “sonoridade”. Luiz Gonzaga Jaeger tem o cuidado em nos informar que o segundo esposo da mãe de Lindolfo, esse sim era um “alemão nato” (JAEGER, 1947, p. 110).

Luiz Alberto Grijó, em artigo intitulado *Apóstata do Germanismo ou Alemão Arrivista: a trajetória de Lindolfo Collor até a Revolução de 1930*, foca, sobretudo, essa constante tensão entre o passado “alemão” de Lindolfo Collor, e sua escolha por esse sobrenome. O autor prossegue nos informando que Lindolfo usa de algumas “estratégias” para se destacar na vida jornalística e política, primeiramente casando-se com a filha de um editor de jornal e, depois, alinhando-se com membros do PRR (Partido Republicano Rio-grandense).

Mais do que isso, a escolha do sobrenome “Collor”, que seu primeiro biógrafo, Luiz Gonzaga Jaeger considera mais “nato”, teria sido no sentido de tornar-se mais “palatável” em um mundo político dominado quase que exclusivamente por uma elite luso-brasileira. Assim, durante sua vida, Luiz Alberto Grijó nos conta que Lindolfo Collor foi para os de origem germânica, o “apóstata do germanismo”. Para os luso-brasileiros [...] ele era o alemão que queria vender-se como brasileiro (GRIJÓ, 2002, p. 31).

O relato de Gonzaga Jaeger continua nos contando sobre a infância e adolescência de Lindolfo, quando ele consegue um emprego no *Jornal do Comércio*. Lá, nos diz o autor, Lindolfo estava sempre às voltas com disputas com

outros jornalistas, mas “coisa rara naquela idade, não se inflamava, não se excedia nos conceitos, não se desmandava no estilo” (JAEGER, 1947, p. 110). Era, portanto, já na sua adolescência, um “modelo” do que viria a ser na vida política. Mais tarde, teria atuação destacada no periódico do Partido Republicano Rio-grandense, *A Federação*.^v

Somos informados também sobre a lenta ascensão política de Lindolfo, suas dificuldades em disputar espaço com outros personagens da época em âmbito acadêmico; uma vez que Lindolfo não tinha condições financeiras de estudar nos cursos mais prestigiados de então: Direito, Medicina, Engenharia. Ao invés disso, cursou Farmácia. Depois, contudo, o autor tem o cuidado em nos lembrar que Lindolfo Collor formou-se “pela Academia de Altos Estudos Sociais, Jurídicos e Econômicos, matéria que veio a ser a da sua especialidade” (JAEGER, 1947, p. 111).

Além disso, uma das tônicas do relato de Luiz Gonzaga Jaeger está no processo “revolucionário” de 1930, que é onde Lindolfo Collor se destaca de forma mais atuante, sendo que depois da posse de Getúlio Vargas, torna-se o primeiro Ministro do Trabalho. O relato continua sobre como angariou respeito e fama entre seus pares políticos, sendo convidado por

Borges de Medeiros para ser porta-voz do *A Federação*, jornal do Partido Republicano Rio-grandense. Segue mostrando a destacada atuação política durante a Revolução de 1930, ainda ao lado de Getúlio Vargas. O período entre 1930 e 1932 marca sua passagem pelo Ministro do Trabalho e a posterior guinada política, quando se coloca contrário ao poder central de Vargas. Desde então, cai num período de ostracismo político, que irá durar até sua morte, em 1942.

Para finalizar seu relato, Luiz Gonzaga Jaeger nos diz que Lindolfo Collor faleceu “em 21 de Setembro de 1942, aos 52 anos de vida”. Desde muitos anos, Lindolfo sofria de uma insuficiência cardíaca, que poderia ter se agravado – o autor não tem certeza do motivo – pelo acidente automobilístico envolvendo Getúlio Vargas ou pela prisão sem motivos de Lindolfo Collor, que resultou em um forte abalo moral (JAEGER, 1947, p. 111).

Percebe-se em diversas passagens, que o autor tenta dar a seu texto um caráter imparcial – o que, de fato, não ocorre. Tanto que no último parágrafo ele chama a atenção para o fato de que os esboços sobre Lindolfo Collor não podem dar conta da grandiosidade de sua vida, e que seria necessário esperar certo tempo,

um distanciamento histórico “preferível”, até

“[...] quando houver serenado já as paixões partidárias e o pó dos arquivos houver amarelecido os documentos, encarregar-se-á [a posteridade] de completar-lhe a figura moral e realçar-lhe os traços mais pessoais e marcantes. (JAEGER, 1947, p. 111).

Como nos diz Pierre Bourdieu (2002, p. 183-184), a concatenação de acontecimentos de uma vida em ordem linear e cronológica tenta nos apresentar um caminho mais inteligível da vida de determinada personagem. Nesse sentido, o relato de Luiz Gonzaga Jaeger apresenta diversos elementos do que Bourdieu chama de “ilusão biográfica”. O autor lança mão de uma série de expressões, tais como “desde cedo”, “lutou toda a vida”, “desde logo” etc., que tem como um dos objetivos criar uma existência lógica, eivada de sentido necessário, determinado; tornando assim, a vida do biografado mais inteligível.

Na grande maioria das vezes, conhecemos de antemão o desfecho dessa existência – como é o caso de Lindolfo Collor –, mas a relação de eventos e obstáculos nos conduz como um “romance”, em que até já podemos imaginar o final, mas acompanhamos os episódios com bastante atenção. Se essa é uma das preocupações principais dos

relatos biográficos, deve-se admitir que esse relato alcança tal objetivo.

Contudo, vale a pena salientar que, apesar dessas considerações de Pierre Bourdieu terem balizado durante algum tempo as “metodologias sobre a biografia” – se é que podemos chamar dessa forma –, concordamos com François Dosse, quando ele nos diz que não é por causa das “ilusões biográficas” que devemos desconsiderar totalmente a historicidade do sujeito; ou ainda, que um relato de vida possa invalidar os termos de pertinência de um processo histórico (DOSSE, 2009, p. 208).

Contudo, essa não seria a questão que norteia a discussão proposta aqui. O que vale esclarecer, nesse caso, é que o relato de Luiz Gonzaga Jaeger sobre Lindolfo Collor – assim como os outros selecionados – parece não pertencer, de fato, a uma análise mais apurada, mais argumentativa, e, sim, expositiva, uma compilação de dados, eivada de julgamento pessoal. Mesmo que, é claro, como já dito, tal proposta não seja de todo inválida ou infrutífera. Se não propõe uma discussão mais “acadêmica”, ao menos pode servir como compilação de dados.

O relato *O Leopoldense Lindolfo Collor*, de Clodomir Vianna Moog (1976), que esboça elementos de cunho biográfico; não tem por objetivo uma biografia completa, do nascimento à

morte; mas, sim, acontecimentos considerados mais importantes pelo autor.

Nesse texto, que é o discurso de sua posse em uma das cadeiras do Instituto Histórico de São Leopoldo, em 1976, Vianna faz um depoimento pessoal de suas impressões e lembranças a respeito de Lindolfo Collor. Vianna Moog travou relações amistosas com Lindolfo Collor e se propôs, em seu texto, a traçar o “retrato histórico e caracterológico do mais ilustre dos leopoldenses” (MOOG, 1976, p. 19).

É interessante salientar que, nesse relato, que não tem por pretensão comentar sobre toda a vida de Lindolfo Collor, e, sim, sobre alguns fatos que o autor considera mais marcantes, não existe uma preocupação com a narrativa *linear*. Sem tentar fazer julgamentos, parece que a essa “ilusão biográfica” de Bourdieu, Vianna Moog não cedeu.

E por mais que consideremos as proposições sobre linearidade textual biográfica de Pierre Bourdieu, o texto de Vianna Moog não pode ser considerado muito “didático”. Por avançar e retroceder no relato da vida de seu biografado, o texto, para ser mais bem compreendido, pressupõe um leitor razoavelmente informado sobre Lindolfo Collor.

Talvez, Vianna Moog tenha optado por essa forma narrativa uma vez que seu texto deveria ser lido – seria um discurso proferido. Talvez, também, Vianna Moog

tenha produzido um texto para seus pares, membros do Instituto Histórico de São Leopoldo, que dada a importância de Lindolfo Collor a essa instituição, minimamente deveriam estar informados sobre ele.

Vianna Moog inicia seu relato comentando seu grande desejo de produzir uma biografia sobre “seu amigo” Lindolfo Collor, que “como toda gente sabe, ou talvez não saiba, dado o silêncio que se foi feito em torno de seu nome, foi o primeiro Ministro do Trabalho do Brasil” (MOOG, 1976, p. 19).

Em outra passagem o autor se questiona sobre a dificuldade em escrever sobre uma personalidade tão contemporânea, pois como – e o quê – escrever sobre quem “as paixões implacáveis e sobre quem, por falta de perspectiva nas dimensões do tempo, ainda não desceu o julgamento definitivo da posteridade?” (MOOG, 1976, p. 19-20). Aqui, parece que Vianna Moog também espera que a posteridade, assim como Luiz Gonzaga Jaeger, julgue o biografado, mas apenas depois de um distanciamento histórico considerável, depois de um “arrefecimento das paixões”.

Vianna Moog nos conta sobre a grande importância que Lindolfo Collor dava a seu local de origem: São Leopoldo. Baliza sua afirmação no fato de que

Lindolfo Collor, numa coletânea de artigos compilados e transformados em livro depois de sua morte, em obra intitulada *Sinais dos Tempos*, rememora de forma saudosista aspectos da infância em sua “terra natal”.

Sendo assim, pensando no valor dado por Collor à sua terra natal, e levando essas memórias em consideração, Vianna Moog entende que, “... São Leopoldo havia de ser o lugar adequado para os depoimentos a surgir sobre sua vida e sua obra” (MOOG, 1976, p. 19).

Apesar das discussões sobre biografia não representarem uma certeza sobre as intenções de um biógrafo em relação a seu biografado, o fato de Vianna Moog ter convivido com Lindolfo Collor é explicitado em seu texto como um “envolvimento forte do biógrafo que explicita quase sempre a sua relação com o biografado” (DOSSE, 2009, p. 371). Os biógrafos têm, como não poderia deixar de ser, intenções ao produzir seus relatos. E o relato de Vianna Moog não é diferente.

Em uma passagem de seu texto, Vianna Moog nos conta que após a Revolução de 1930, a pessoa mais feliz do Rio de Janeiro devia ser “seu amigo” Lindolfo Collor. Vianna teria sido um dos primeiros a ser informado pela boca do próprio Lindolfo ao encontrar-se com ele por acaso no Rio de Janeiro, da criação da

pasta do Ministério do Trabalho, decreto que Getúlio Vargas havia acabado de assinar (MOOG, 1976, p. 30). Tergiversando sobre isso, Vianna nos conta que aquela foi sua primeira “grande decepção” com a Revolução de 1930! (MOOG, 1976, p. 30). Seu amigo Lindolfo Collor merecia um ministério melhor, talvez o Ministério do Exterior, ou o da Fazenda!

Mesmo assim, prossegue Vianna, Collor não se abateu e trabalhou diligentemente como Ministro do Trabalho. Propôs uma série de medidas econômicas que visava o bem estar dos trabalhadores. “Será preciso mais para perceber a qualidade de pensador social que foi Lindolfo Collor?” – pergunta-se Vianna Moog. Ele mesmo responde: “Cuido de que não” (MOOG, 1976, p. 32).

Parece-nos, aqui, que ao falar de Lindolfo Collor, Vianna Moog fala um pouco de si mesmo. Nesse sentido, François Dosse se pergunta: “Por que se escrevem biografias? Nunca, sem dúvida, alguém escreveu a vida de outro homem só com vistas ao conhecimento” (DOSSE, 2009, p. 96). Dosse segue nos dizendo que, em geral, os biógrafos não se dão conta disso, mas quando se escreve sobre a vida de alguém, tem-se a pretensão, mesmo velada, de lançar uma visão totalizante da vida do biografado.

E no caso de Vianna Moog, que conheceu pessoalmente Lindolfo Collor, seu relato parece nos falar de sua própria importância, mesmo que pequena, em diversas passagens da vida de Lindolfo Collor. Algo como uma participação modesta, porém presente, dada a amizade com ele, em assuntos de relevo nacional. Mais do que isso, por estar presente, pode propor um relato *único*, fruto de suas memórias – únicas, intransferíveis – a respeito dos eventos e do próprio biografado.

O texto *Lindolfo Collor fruto da imigração alemã*, da autoria de Telmo Lauro Müller, diretor do Instituto Histórico de São Leopoldo, foi publicado em 1990. Nesse texto de caráter biográfico, seu autor nos fala da necessidade de “recordar Collor como filho dessa cidade” (MULLER, 1990, p. 210), fazendo referência a Lindolfo Collor ter nascido na cidade de São Leopoldo.

Como já exposto anteriormente, esse autor é enfático ao afirmar que a história “oficial” de São Leopoldo começa com a imigração alemã de 1824. Mais ainda, ele diz que a própria história do Rio Grande do Sul pode ser dividida em *antes* e *depois* dessa data (MULLER, 1990, p. 211).

Para o autor, a Feitoria do Linho Cânhamo (que dará origem à cidade de São Leopoldo), de colonização

portuguesa, não podia obter resultados favoráveis, uma vez que o português estava mais voltado para a disputa contra os espanhóis do que em desenvolver a terra. Os escravos africanos que aqui viviam eram indolentes, uma vez que seu trabalho era, de fato, escravo; portanto, sem compromisso com o desenvolvimento da região.

A “operosidade” do imigrante alemão que chega em 1824 se dava em diversos âmbitos, e para o autor, ela pode começar a ser procurada pelos sobrenomes desses imigrantes. Dizia ele que o alemão se reconhece pela própria atividade que exerce: o artesão era *Handwerker*, o tecelão era *Weber*, o sapateiro era *Schuster* etc. Esses sobrenomes são conhecidos na atualidade e, segundo o autor, eles já indicavam o desejo de trabalhar e prosperar desses primeiros imigrantes.

Citando trechos de discursos e passagens de textos redigidos para jornais, o autor nos diz que o próprio Lindolfo Collor comungava em partes dessa ideia, e sempre que possível, a explicitava. Em 1929, por exemplo, o autor nos cita trechos de um discurso que Lindolfo Collor fez em um jantar comemorativo ao seu retorno a São Leopoldo. Nesse discurso, Lindolfo fala da “operosa estirpe dos Boeckel” (nome do meio de Lindolfo Collor, herdado de seu pai biológico) e

“de sua perfeita adaptação ao meio brasileiro”, onde “amaram e serviram a colônia, a vila, a cidade, o município”, buscando “sua dignidade e seu engrandecimento” (MULLER, 1990, p. 213).

Nesse sentido, faz-se importante destacar a preocupação inicial do autor, ou seja, da necessidade de falar de Lindolfo Collor como “filho” de São Leopoldo. Até a atualidade, a cidade de São Leopoldo construiu sua História e sua Memória como o berço da imigração alemã.

Dessa forma, mostra-se bastante válida para a manutenção dessa imagem, o “resgate” de elementos biográficos de uma personalidade política de renome, como Lindolfo Collor. Um daqueles “homens que deram certo”, fruto da educação de origem alemã, filho de imigrantes alemães, em uma cidade cuja “história oficial” ainda se orgulha de ser berço dessa imigração.

Segundo Telmo Lauro Müller ainda, Lindolfo Collor fazia um bom “uso político” de sua origem germânica. O autor menciona – mesmo que não cite a fonte primária – um discurso de Lindolfo Collor proferido na cidade de São Leopoldo por ocasião de um jantar oferecido em sua homenagem. Nesse discurso, Lindolfo diz:

“...voltando de novo à minha terra natal, à terra dos meus pais e dos

meus primeiros sonhos [...] Contam-se os meus antepassados, da operosa estirpe dos Boeckel [*nome do pai biológico de Lindolfo*], entre os mais antigos povoadores deste trecho da terra rio-grandense. Rememoro-lhes comovidamente o trabalho fecundo que desenvolveram em benefício da nascente comunhão social [...] aqui vieram, buscando uma nova pátria, trabalhar lealmente pela sua dignidade e seu engrandecimento” (MULLER, 1990, p. 213)

Não é objetivo aqui nesse texto, mas interessante seria analisar como Lindolfo Collor constrói elementos de sua “autobiografia” a partir de discursos, cartas e artigos – mesmo porque ele não escreveu um livro sobre si mesmo – e que relação pode ser estabelecida – se é que pode – entre essas fontes e os relatos produzidos por seus principais biógrafos. Mesmo sem uma análise mais acurada, é possível imaginarmos que a utilização do nome Boeckel em São Leopoldo soaria muito mais “patriótico” do que o nome Collor, que apesar de ser o nome pelo qual ele se torna mais conhecido, não pertence a um membro da comunidade leopoldense. Mesmo que, aqui, Lindolfo esteja operando com dois nomes de origem germânica, não é de surpreender que esse “jogo dos nomes” possa ter levantado suspeitas entre seus conterrâneos, ora classificando-o como “apóstata do germanismo”, ora como “alemão arrivista”, como bem salientou Luiz Alberto Grijó (2002).

Aqui, mais uma vez – tendo como um dos exemplos o discurso de Lindolfo citado por Telmo Lauro Müller –, é possível perceber como elementos de um relato biográfico podem servir a determinados interesses. Na mesma linha, as tramas da Memória que se quer construir também estão envolvidas nesse processo. Seja para ressaltar elementos considerados importantes por um grupo familiar, uma classe política, ou mesmo um grupo étnico, tanto a biografia quanto a Memória se inserem no que Chartier (2002, p. 73) chama de “representações”. Tais representações podem ser baseadas em instâncias coletivas ou indivíduos singulares, mas “marcam de modo visível e perpetuado a existência do grupo, da comunidade ou da classe”.

Nessa perpetuação da existência de um grupo, uma memória – e o relato biográfico é uma de suas muitas formas de construção – está sujeita a hierarquias e classificações. Dessa forma, essa memória também define o que é comum a um grupo, o que o diferencia dos outros; enfim, “fundamenta e reforça sentimentos de pertencimento e as fronteiras socioculturais” (POLLAK, 1989, p. 3).

E com a proposta de buscar nas origens, na infância de Lindolfo Collor (“desde cedo”, “desde pequeno”) as explicações para sua atuação política e humana posteriores, o texto de Telmo

Lauro Müller pode ser enquadrado naquilo que Bourdieu (2002) classifica como “ilusão biográfica”. O autor tenta reconstruir uma vida organizada, coerente, sem grandes sobressaltos para Lindolfo Collor, como se ele aceitasse o “postulado do sentido da existência” (BOURDIEU, 2002, p. 184). Ou seja, tenta criar – diferentemente de Vianna Moog – uma ordem cronológica mais inteligível para o leitor.

Nesse texto, Telmo Lauro Müller não tem, é preciso dizer, o objetivo de produzir uma trajetória de vida completa – do nascimento à morte – mas concatena a maioria dos fatos relativos a Lindolfo Collor de forma cronológica, linear. Assim, construiu uma narrativa constante, no qual o principal objetivo parece ter sido extrair uma lógica retrospectiva dos fatos. Para isso, buscou acontecimentos por ele considerados significativos na trajetória de Lindolfo Collor, criando uma sequência em que o desfecho final já é conhecido, mas a maior preocupação é elencar influências e acontecimentos que permitiram esse desfecho.

Não tendo a pretensão aqui, é claro, de encerrar a discussão, ou mesmo dar conta de todos os elementos que podem – e devem – ser pensados na construção de um relato biográfico e, conseqüentemente, de uma narrativa de vida e de Memória, foi proposta de forma

resumida, a análise de alguns elementos que constituíram uma imagem de Lindolfo Collor, sobretudo por intelectuais ligados ao Instituto Histórico de São Leopoldo.

E sobre Lindolfo Collor, muitas páginas já foram escritas por esses intelectuais – mesmo que atualmente a maioria não possa ser considerada “acadêmica”, e, sim, mais diletante. Para eles, e cada um com seus objetivos em mente, Lindolfo Collor teve sua “inteligência” e sua “industriosidade” exaltadas. É considerado “mestre da retórica” por alguns, “veterano na observação estrangeira” por outros. Foi o “soldado da liberdade”, “maior morto do que vivo”. Lindolfo Collor, nesses relatos, é lembrado como um “incorrupível”, quase um “Robespierre leopoldense”.^{vi}

Mesmo que alguns desses intelectuais não possam ser considerados historiadores acadêmicos, suas linhas de interpretação apresentam elementos de um viés mais positivista, buscando elementos que demonstram uma evolução social, um avanço na humanidade até seu *verdadeiro fim*. Para eles, Lindolfo Collor foi um “grande homem”, um homem que “fez história”. E para eles também é possível perceber, utilizando as palavras de Sabina Loriga, que “as qualidades pessoais, inclusive as dos grandes homens, não bastavam para explicar o curso dos acontecimentos e era preciso levar em

consideração as instituições e o meio (a raça, a nação, a geração etc.)” (LORIGA, 1998, p. 231).

Nesse sentido, esses pensadores que escreveram sobre Lindolfo Collor – muito provavelmente por serem descendentes de imigrantes alemães, ou por estarem ligados a um instituto de pesquisa que deveu muito de sua criação à figura de Lindolfo Collor – escreviam, antes de qualquer coisa, sobre eles mesmos. A projeção da figura de Lindolfo Collor parece ter sido utilizada como um elemento “positivo” para a Memória que se queria construir sobre São Leopoldo naquele momento.

Vale ressaltar, ainda, que as datas das produções são datas comemorativas da cidade. O primeiro texto mais “completo” que versa sobre Lindolfo Collor, *Filhos Ilustres de São Leopoldo*, da autoria do Pe. Luiz Gonzaga Jaeger foi produzido entre 1946 e 1947, época da comemoração do centenário da elevação de São Leopoldo à categoria de vila.

O outro texto, o de Clodomir Vianna Moog, *O leopoldense Lindolfo Collor*, produzido e lido em 1976, foi um discurso proferido pelo mesmo em sua entrada como membro do Instituto Histórico de São Leopoldo. Trata-se, igualmente, de um relato produzido por um “amigo” de Lindolfo Collor. Naquele momento – em 1976 –, ocorria o II

Simpósio de História da Imigração e Colonização Alemãs, promovido pelo Instituto Histórico de São Leopoldo. Uma das prerrogativas desse simpósio foi a de justamente elencar cidadãos de destaque do município, assim, “considerando a contribuição que São Leopoldo sempre deu à cultura do Rio Grande”.^{vii}

E por fim, mas não menos importante, o relato de Telmo Lauro Müller, *Lindolfo Collor Fruto da Imigração Alemã*, um dos mais apaixonados defensores da importância da mão de obra germânica para o desenvolvimento de São Leopoldo e o que mais ativamente concordou em seus textos com a associação de Lindolfo Collor a essa origem. O relato de Telmo Lauro Müller foi produzido em 1990, no IX Simpósio de História da Imigração e Colonização Alemãs, portanto, no centenário de nascimento de Lindolfo Collor – 1890. Telmo Lauro Müller ressalta, em seu texto, a importância de lembrar Lindolfo Collor como “filho dessa cidade [...] Era preciso lembrar Collor como fruto da imigração que aqui começou em 1824”.^{viii}

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo que não estejamos desconsiderando aqui a produção de cunho biográfico produzida sobre Lindolfo Collor, é importante salientar

que elas pouco se direcionaram para a construção de um problema histórico, e muito pouco se importaram com uma metodologia de análise mais aprofundada. Até mesmo porque esses “historiadores” eram mais diletantes. Tinham seus objetivos e apresentavam relatos mais “apaixonados” sobre seu biografado, não questionando, de fato, sua atuação política. Resumiram-se a elencar acontecimentos positivos sobre seu biografado, com o objetivo de construir a figura de um “grande homem”.

Como nos diz Benito Schmidt, nenhum desses relatos biográficos teve como preocupação

“pensar a articulação entre as trajetórias individuais examinadas e os contextos nos quais estas se realizaram como via de mão dupla, sem cair nem no individualismo exacerbado (como nas biografias tradicionais, do tipo “a vida dos grandes vultos”), nem na determinação estrutural estrita (como nas análises marxistas ortodoxas)”. (SCHMIDT, 1997, p. 12)

Sendo assim, esses intelectuais não propuseram uma análise mais densa sobre o biografado, deixando de explorar uma possível síntese do particular e do geral, o que construiria uma imagem mais “imparcial” do biografado. Talvez o momento em que eles escrevem não seja o mais adequado. As imagens que tais pensadores construíram sobre Lindolfo

Collor não podiam permitir interpretações díspares; ele deveria ser um modelo, tanto de conduta, quanto de trajetória política.

Um enfoque analítico possibilitado pelas biografias – e, como nos diz Carlos Rojas, que muitos desses intelectuais biógrafos de Lindolfo Collor deixaram de focar – foi justamente a crítica ao modelo simplista de acumulação de dados e eventos que dão a noção de *evolucionismo* à vida do biografado. Tal modelo ressalta pontos positivos no relato de uma vida, associando-a ao progresso de determinado grupo social – nesse caso, os alemães de São Leopoldo (ROJAS, 2000, p. 39). Um ponto com o qual também concorda Sabina Loriga (1998).

Dessa forma, tais autores deixaram de explorar as possibilidades de contradição, as encruzilhadas pelo caminho e uma série de ações aleatórias que poderiam ser enfocadas sobre Lindolfo Collor – o que, invariavelmente, enriqueceria sobremaneira os relatos sobre essa vida. Vale ressaltar que as biografias não tinham por objetivo destacar as contradições e as encruzilhadas de Lindolfo Collor, e, sim, produzir um tipo de discurso sobre o biografado. Ainda assim, em última análise, elas compõem um discurso sobre um grupo social e sobre os próprios autores.

Referências

- BOURDIEU, Pierre. A Ilusão Biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos & Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro – RJ: FGV, 2002. p. 183.
- COSTA, Licurgo. **Ensaio sobre a vida de Lindolfo Collor**. Florianópolis – SC: Lunardelli, 1990.
- CHARTIER, Roger. **À Beira da Falésia – a História entre Certezas e Inquietude**. Porto Alegre-RS: UFRGS, 2002.
- DOSSE, François. **O Desafio Biográfico – escrever uma vida**. São Paulo – SP: EDUSP, 2009.
- GRIJÓ, Luiz Alberto. Apóstata do Germanismo ou Alemão Arrivista: a trajetória de Lindolfo Collor até a Revolução de 1930. In: **Anos 90**. Porto Alegre – RS. Nº 15, 2001/2002: Editora da UFRGS, p. 25-35.
- JAEGER, Pe. Luiz Gonzaga. **Filhos ilustres de São Leopoldo**. In: Anais do Primeiro Congresso de História e Geografia de São Leopoldo. Porto Alegre-RS: Livraria do Globo, 1947.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas-SP: UNICAMP, 1990.
- LEVI, Giovanni. Usos da Biografia. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Coords.). **Usos & Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro – RJ: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 167-182.
- LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques (Org.) **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Tradução de Dora Rocha. Rio de Janeiro – RJ: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- MOOG, Clodomir Viana. **O Leopoldense Lindolfo Collor**. In: Anais do II Simpósio de História da Imigração e Colonização Alemãs. Instituto Histórico de São Leopoldo – RS. 1976. p. 19-41.
- MÜLLER, Telmo Lauro. A Real Feitoria do Linho-Cânhamo e sua Decadência. In: **Anais do IX Simpósio de História da Imigração e Colonização Alemãs**. Instituto Histórico de São Leopoldo-RS, 1990. p. 66-71.
- MÜLLER, Telmo Lauro. Lindolfo Collor fruto da Imigração Alemã. In: **Anais do IX Simpósio de História da Imigração e Colonização Alemãs**. Instituto Histórico de São Leopoldo-RS, 1990.
- PAZIANI, Rodrigo Ribeiro. Problemas, limites e possibilidades: os desafios do paradigma biográfico. In: **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**. Vol. 2, nº 4, Dezembro de 2010: RBHCS.
- PETRY, Leopoldo. **São Leopoldo: berço da colonização alemã do Rio Grande do Sul**. 2. ed. São Leopoldo: [s.N.], 1964. 2 v.
- POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. In: **Estudos Históricos**. Vol. 2, n. 3. Rio de Janeiro-RJ: CPDOC/FGV, 1989.
- ROJAS, Carlos Antonio Aguirre. La biografía como género historiográfico – algunas reflexiones sobre sus posibilidades actuales. In: SCHMIDT, Benito Bisso (Org.). **O Biográfico: perspectivas interdisciplinares**. Santa Cruz do Sul – RS: EDUNISC, 2000.
- SCHMIDT, Benito Bisso. Construindo Biografias ... Historiadores e Jornalistas: Aproximações e Afastamentos. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro-RJ, n. 19, 1997.

SCHMIDT, Benito Bisso. Luz e Papel, Realidade e Imaginação: as biografias na História, no Jornalismo, na Literatura e no Cinema. Artigo do **XXII Encontro Anual da ANPOCS**, Caxambu-MG, 1998. p. 13. Disponível em:
[HTTP://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/ampocs/bisso.rtf](http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/ampocs/bisso.rtf). Acesso em: 05/12/11, às 22:30.

ⁱ Em Dezembro de 2010, o município de São Leopoldo foi reconhecido como “Berço da Colonização Alemã no Brasil”, título que disputava com o município de Nova Friburgo, no Rio de Janeiro. O projeto de autoria do deputado federal Beto Albuquerque tramitava desde 2006, e foi aprovado no dia 14 de Dezembro de 2010 pela Comissão de Educação do Senado. Vale ressaltar que Nova Friburgo também recebeu imigrantes alemães, mas lá eles não teriam se instalado da mesma forma como em São Leopoldo.

ⁱⁱ Apesar de não estar diretamente ligado ao Instituto Histórico de São Leopoldo, uma vez que sua obra, *Ensaio sobre a vida de Lindolfo Collor*, foi publicada pela editora Lunardelli, de Santa Catarina, Licurgo Costa é bastante enfático em “encontrar” uma razão para o brilhantismo de Lindolfo Collor: ele era descendente de alemães! Para esse autor, que citou alguns psicólogos ao afirmar que “a personalidade humana se forma entre os quatro e os oito anos de idade [...]” (1990, p. 14); a educação recebida por Lindolfo Collor nessa faixa etária foi responsável pela sua atuação brilhante, mais tarde, em todos os setores nos quais se destacou. COSTA, Licurgo. *Ensaio sobre a vida de Lindolfo Collor*. Florianópolis – SC: Lunardelli, 1990. Uma das tantas “ilusões” que Pierre Bourdieu (2002) afirma influenciar alguns biógrafos.

ⁱⁱⁱ Lindolfo Collor foi Ministro do Trabalho do governo de Getúlio Vargas entre dezembro de 1930 e março de 1932.

^{iv} Licurgo Costa, em seu *Ensaio sobre a vida de Lindolfo Collor*, nos diz que não foi o Ministério do Trabalho que lhe deu notoriedade, e sim o contrário. Lindolfo Collor, com “sua fulgurante inteligência em todos os setores em que atuou” (1990, p. 9-10), foi que fez a pasta do Ministério do Trabalho obter renome. Prova disso, segundo Licurgo Costa, é que depois da saída de Lindolfo, o Ministério do Trabalho “mergulhou na mediocridade” (1990, p. 10).

^v Importante periódico sul-rio-grandense, órgão oficial da imprensa do PRR (Partido Republicano Rio-grandense).

^{vi} Tais adjetivos são citados por pessoas que conviveram com Lindolfo Collor na ocasião de sua

morte; seus depoimentos foram coligidos pela filha de Lindolfo Collor, Leda Collor de Mello. In: MELLO, Leda Collor de. *Retrato de Lindolfo Collor*. Dados sobre sua vida e sua obra. Rio de Janeiro – RJ, 1988.

^{vii} Anais do II Simpósio de História da Imigração e Colonização Alemãs. Instituto Histórico de São Leopoldo – RS. 1976. p. 10.

^{viii} Anais do IX Simpósio de História da Imigração e Colonização Alemãs. Instituto Histórico de São Leopoldo – RS. 1990. p. 211.